

Maria Celeste Natário

## ANTÓNIO JOSÉ DE BRITO PERANTE O PROBLEMA DA FILOSOFIA PORTUGUESA

Tratando-se de uma intervenção de Homenagem, quero neste Colóquio desde logo sublinhar que tive o privilégio de ter sido sua colega na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde o conheci já como professor catedrático, responsável, nomeadamente, pela cátedra de Filosofia da Linguagem, bem como enquanto notável investigador, cuja produção bibliográfica – com destaque para os dois volumes publicados na Imprensa Nacional-Casa da Moeda: *Razão e Dialéctica: Estudos de Filosofia e História da Filosofia* (1994) e *Ensaios de Filosofia do Direito e outros estudos* (2006) – fui acompanhando, admirando sempre, cada vez mais, a autonomia e profundidade da reflexão filosófica que nessas obras, como em todas as outras, é por demais patente.

A sua criação especulativa e rigorosa disciplina reflexiva foram e continuam a ser características fundamentais da sua produção filosófica, bem como nos diversos projectos de investigação em que se tem envolvido, nomeadamente naquele que actualmente coordeno, “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, no âmbito do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, projecto em que António José de Brito propôs um muito bem estruturado ciclo de conferências sobre “A Reacção contra o Positivismo e o Movimento da Renascença Portuguesa”, nas quais participaram e participarão nomes como Fernando Catroga, Pedro Baptista, Joaquim Domingues, Paulo Borges, António Reis, António Pedro Mesquita, Manuel Cândido Pimentel, António Braz Teixeira, Paulo Ferreira da Cunha, Pinharanda Gomes e Renato Epifânio – para além do próprio António José de Brito, que participou nas três primeiras sessões desse ciclo de conferências, onde abordou autores tão diversos como Comte, Littré, Stuart Mill, Alfredo Pimenta, Motta Veiga, Alves da Hora, José Maria Rodrigues e Oliveira Guimarães. Sempre com o valor especulativo e rigoroso que o caracteriza.



\*

Não viemos aqui, contudo, apenas, para dar público testemunho da nossa admiração pelo Professor António José de Brito, mas também fazer uma breve abordagem ao modo como no seu pensamento se equaciona o dito “problema da filosofia portuguesa”. Eis o que procuraremos aqui fazer, no curto espaço de tempo que temos disponível, não sem antes considerarmos o todo articulado do seu pensamento.

Para tal, partiremos que uma observação do Professor Alexandre Fradique Morujão, redigida na Enciclopédia *Logos*: “A sua meditação filosófica orienta-se no sentido de harmonizar a exigência de um ponto de partida radical da filosofia, como preconizara já Descartes e modernamente Husserl, com a exigência dialéctica, de inspiração hegeliana e influência de Gentile e em permanente diálogo com as correntes da filosofia da linguagem, fenomenologia, positivismo-lógico e hermenêutica.”. Si

A nosso ver, este é um bom exemplo de uma síntese interpretativa do pensamento de António José de Brito que de imediato nos coloca perante o universo filosófico do autor – a nosso ver, com efeito, a sua filosofia encontra a unidade na tripla perpectivação ontológica, axiológica e gnoseológica, pelo que ser, valor e conhecer são as três faces de uma mesma visão (que resulta dessa unidade sem a qual não pode haver conhecimento).

No decidido e constante diálogo com as diversas dimensões da sua especulação, António José de Brito tem na base uma ideia de filosofia sistemática, afirmando a existência de um absoluto início, de um começo a que atribui as características de indubitável e inabalável de radical independência de tudo, que designa como “insuperável”,

Eis o conceito chave do seu pensamento. Dele o pensador portuense afirma “não poder ser negado, não poder ser posto em dúvida nem colocado entre parêntesis à maneira husserliana”.

Não querendo nós aqui desenvolver este conceito – já devidamente tratado por outros participantes de Colóquio – não podemos deixar de o referir, dado que é a partir daqui – deste “começo radical”, como lhe chamou ainda Alexandre Fradique Morujão” – que se desenvolve todo o seu pensamento filosófico, o seu próprio conceito de filosofia. E por isso, também, a sua abordagem do “problema da filosofia portuguesa”.

